

ANITA SHREVE

TESTEMUNHO

Tradução de Teresa Curvelo

Mike

Era uma cassete pequena, não muito maior do que a palma da sua mão, e quando Mike pensou na terrível licenciosidade e nos riscos expostos na gravação, mas também no seu poder destruidor, foi como se o pequeno invólucro de plástico de cinco por sete centímetros fosse radioactivo. O que não era de todo desproposito, pois tinha gerado efeitos semelhantes aos da radioactividade, desacreditando o ensino em Avery, destruindo pelo menos dois casamentos, tanto quanto ele sabia, arruinando o futuro de três estudantes e, o mais sinistro de tudo, provocado uma morte. Depois de Kasia lhe entregar a gravação dentro de um envelope branco (como se fosse possível enviá-la a alguém!), Mike levou-a para casa para a visionar na televisão – uma tarefa extremamente complicada e frustrante, que o obrigou a encontrar primeiro a máquina de filmar que usava cassetes idênticas e descobrir depois a forma de ligar os vários cabos ao televisor para a cassete ser lida pela câmara. Às vezes, Mike lamentava não ter mergulhado a gravação aviltante num recipiente com água a ferver, não a ter despachado com o resto do lixo num saco fechado ou desbobinado a fita com um lápis até ficar ilegível. Embora duvidasse de que teria podido controlar o potencial escândalo, talvez tivesse podido coreografá-lo de modo diferente, limitando de algum modo os estragos.

Deviam ter-se passado muitas coisas antes de a mão invisível focar a câmara no quarteto. Via-se a rapariga (sempre *a rapariga* aos olhos de Mike) virar-se (ou melhor, rodopiar) e afastar-se de um rapaz alto e delgado ainda com os *jeans* vestidos e aproximar-se de um jovem mais baixo e mais encorpado, nu, que a agarrou e se inclinou para chupar o seu mamilo direito. Nessa parte da gravação não eram visíveis quaisquer rostos, sem dúvida por opção intencional da pessoa por detrás da câmara. Nessa altura, Mike, que era então o director da Academia de Avery, também não identificou o cenário como sendo um dos quartos dos dormitórios, embora não tardasse a fazê-lo. Em seguida, o rapaz mais baixo virou a rapariga para o primeiro, que estava a desapertar o cinto, deixando que as calças escorregassem num único movimento como se fossem demasiado grandes para as suas ancas estreitas. A câmara movimentou-se de repente, o que provocou em Mike uma ameaça de tontura, até uma cama estreita sobre a qual um terceiro rapaz, completamente nu e que aparentava ser ligeiramente mais velho do que os outros dois, se masturbava. Mike recordava, entre outras imagens que desejava poder extirpar do cérebro, o comprimento verdadeiramente impressionante do pénis arroxeadado do jovem e a tensão concentrada dos músculos do peito e dos braços do rapaz. A câmara recuou até ao centro do quarto, provocando nova contracção no estômago de Mike, focando os dois rapazes de pé e a rapariga agora de joelhos.

Foi nessa parte da gravação que Mike se apercebeu de que havia som, ao ouvir uma espécie de gemido exagerado vindo do lado do quarto onde estava a cama, além de uma música martelada (embora esta, por qualquer razão, soasse em surdina). Entretanto, o rapaz alto de ombros estreitos segurava a cabeça loura da rapariga junto do pénis. Ela parecia saber o que fazer – senão mesmo já ter *praticado* aquilo, antes do facto – porque Mike não pôde deixar de notar uma certa mestria na forma como puxava para si o pénis ingurgitado do rapaz de pé, repuxando-o antes de se debruçar e engoli-lo inteiro. O rapaz esguio emitiu um som

explosivo de adolescente, como que apanhado de surpresa. O homem ou a mulher que filmava (era difícil imaginar uma rapariga atrás da câmara) levantou a objectiva para captar o rosto do rapaz, que Mike Bordwin reconheceu, espantado. Quando Kasia lhe entregou a gravação com ar solene apenas há uma hora, dizendo num tom extremamente sóbrio *Acho que deve dar uma olhadela a isto*, supôs que se tratava simplesmente de uma cassette pornográfica confiscada (o que não queria dizer que a gravação não fosse pornográfica), um assunto que podia ser resolvido sem problemas. A ideia de que pudesse haver gente identificável ligada à acção, estudantes com quem se cruzava nos corredores, na cafetaria e no campo de basquete, não lhe tinha ocorrido até ver o rosto do rapaz, contorcido num paroxismo de prazer e, portanto, algo grotesco para um observador de fora. O seu pensamento foi *Rob e Não pode ser*. O Rob que ele conhecia era um aluno correcto e trabalhador, além de um excelente avançado da equipa de basquete. Enquanto observava o momento de êxtase no rosto do rapaz, Mike interrogou-se se era assim que via os seus alunos, como um *excelente aluno*, um *actor promissor*, um *graxista pretensioso* ou um *bom avançado*. Porque era mais do que evidente que estes rótulos eram totalmente inadequados. O Rob que Mike tinha conhecido não era afinal senão o embrião do ser completamente desperto para a sexualidade que aparecia na gravação. Sentiu de súbito um aperto no peito ao receber de diferentes pontos do cérebro sinais informativos, alarmantes e indesejados, semelhante a um controlador de tráfego aéreo que observa vários *blips* no ecrã do radar inexplicavelmente prestes a colidir. A rapariga mal teve tempo para respirar antes de se virar para o outro rapaz, cujo rosto não tinha sido visível na primeira panorâmica, mas que o era agora claramente, sobressaltando o director do colégio, fazendo-o gritar o nome do rapaz, *Silas*, e soltar um gemido que nada teve de sexual. Silas e a rapariga deitaram-se no chão, ele por cima dela e fornicaram de maneira antiquada mas frenética, o corpo da rapariga a embater com um leve som cavo no que era agora perceptivelmente

o chão do dormitório, com uma meia dúzia de latas de cerveja. Mike fechou os olhos para não ver aquele rapaz atingir o seu paroxismo. Quando os voltou a abrir, a câmara focava o rosto da rapariga, que ou experimentava o auge do prazer ou fingia muito bem. Foi nesse momento que percebeu que a rapariga era muito nova – muito, *muito* nova: o número *catorze* perpassou-lhe pelo espírito – se bem que na altura ainda ignorasse o nome dela. Não era invulgar o director do colégio não conhecer todos os alunos pelo nome, em particular os caloiros que ainda não se tinham distinguido, e Mike estava seguro de que devia ser o caso da rapariga. De repente interrogou-se quantas outras pessoas, professores e estudantes, teriam visto aquele espectáculo, e essa apreensão constituiu talvez o pior momento da sua vida até então (embora o pior ainda estivesse para vir).

Estendeu o braço e premiu o botão de *pause* da câmara. Estava de joelhos na sua casa vazia, com a respiração ofegante, o que o fez levar a mão ao peito como se estivesse à beira de um ataque cardíaco. A hipótese de algumas pessoas já terem visto a gravação teve em Mike o efeito de uma paragem cardíaca temporária, mas era na realidade uma paralisia cerebral temporária, com os neurónios a recusarem-se a funcionar ou a *encadear*, incapaz de articular outro pensamento. A última ideia era absolutamente aterradora, com todas as imagens a ela associadas transpostas para as palavras *polícia*, *violação*, *álcool* e *imprensa*, que nenhum director de escola desejaria fosse em que sequência fosse. Por isso, parecia importante centrar-se na rapariga para decidir até que ponto ela tinha sido uma participante activa naquela... naquela *coisa* que estava a observar. Como não teve a coragem de rebobinar e rever as imagens anteriores, premiu a tecla *play*, desejando poder desacelerar a acção, não para a poder gozar mais (nem pensar tal coisa!), mas a fim de poder apreender com todo o seu ser o que previa ser um futuro inevitavelmente difícil. Para se preparar, digamos.

A gravação recomeçou com um novo *zoom* do rosto da rapariga. Para seu desalento, Mike viu que, por muito experiente que

ela parecesse antes (e também agora, com uma expressão de êxtase bastante convincente), era de facto, como suspeitava, muito nova. Não podiam subsistir quaisquer dúvidas de que se tratava de uma caloiria. Achou que talvez fosse capaz de associar o rosto e o corpo a um uniforme (hóquei em campo? futebol? equipa de juniores?) e teve a certeza de que se tratava de uma aluna interna e não de uma aluna externa como Silas, que parecia ter sucumbido em cima da rapariga, que agora sorria, sorria mesmo. *Isto é bom ou mau?* interrogou-se Mike.

Seguiram-se imagens bastante caóticas. Provavelmente a mão invisível baixou a câmara por momentos. Mike semicerrou os olhos para afastar a sensação de náusea ao mesmo tempo que a objectiva pousava momentaneamente no canto perfeitamente inocente de uma perna de secretária, com um ténis branco de rapaz, sujo e com os atacadores desatados, ao lado. Mike sentiu uma dor na garganta ante a pura inocência daquela imagem, que dir-se-ia representar naquele momento um universo de perda. Ao fundo, distinguiam-se ruídos, todos eles desarticulados. Mike teve quase a certeza de ter ouvido *Eh, Vá lá e É a tua vez* (não necessariamente por esta ordem) e depois a objectiva, com um movimento rápido e descendente, fixou-se no corpo do terceiro rapaz. (*Rapaz*, pensou Mike, *não é a palavra adequada neste caso*. Há um momento subtil em que os rapazes se transformam em homens e que não tem nada a ver com a idade, com os pêlos na cara ou com o timbre da voz. Tinha a ver, chegara a essa conclusão – e tinha visto isso suceder centenas de vezes ao longo de quase vinte anos num ambiente de ensino secundário – com a musculatura, com a estrutura do maxilar, com a postura do macho). O jovem estava a masturbar-se sobre o corpo reclinado da rapariga (um corpo espantosamente belo, como Mike teve de admitir), que incitava o rapaz com movimentos rítmicos e contorções que devia ter aprendido nos filmes. A pessoa atrás da câmara, homem ou mulher, deslocou o ângulo de visão, o que tornou possível ver com toda a nitidez a profunda determinação do rosto do jovem, que Mike reconheceu imediatamente

tratar-se de um finalista contratado pelo colégio para levar a equipa de basquetebol às finais. Foi nesse momento que Mike fez um cálculo rápido e chegou ao número *dezanove* antes do finalista, a quem os outros estudantes chamavam J. Dot (como em *J.Robles@Avery.edu*), se vir sobre o peito, o pescoço e o queixo da rapariga, *pelo menos* quatro anos mais nova, altura em que Mike estendeu o braço e premiu o botão *stop*, desejando poder fazer o mesmo gesto para travar o futuro o tempo necessário até decidir o que fazer com aquele indesejável pedaço de celulóide pronto a explodir dentro do aparelho.

Reclinou-se contra o sofá, na sala da TV. Nos primeiros anos em que residiram no impressionante edifício georgiano, Mike ainda tentara chamar àquela sala *biblioteca*, como convinha ao seu estatuto, mas a verdade é que tanto ele como Meg tinham passado mais tempo ali a ver televisão e DVD do que a ler, pelo que passaram a chamar-lhe o que realmente era. Mike arfava e tinha a boca seca. Parecia-lhe inconcebível que a gravação não ficasse por ali. (Ao fim e ao cabo, os três rapazes não se tinham vindo no espaço de poucos minutos uns dos outros? No entanto, eram adolescentes.) Duvidava que fosse capaz de ver mais. Agradava-lhe e ao mesmo tempo lamentava que Meg não estivesse em casa. Por um lado agradava-lhe porque precisava de reflectir sobre o que fazer, mas por outro lamentava que ela não estivesse ali para o ajudar, embora provavelmente não lhe pudesse dar grande ajuda. Meg teria ficado tão chocada como ele? Estaria mais próxima dos jovens? Compreendia-os melhor?

Ocorreu-lhe de súbito quando é que aquilo tinha acontecido e em qual dos dormitórios. Era provável que o incidente viesse na sequência de uma farra com bebedeiras, a julgar pela quantidade de latas de cerveja espalhadas no chão. Talvez houvesse um indício numa secretária ou uma data marcada num calendário. Devia ter sido quase de certeza numa noite de sábado, pois os alunos tinham de estar presentes nos dormitórios, no período de estudo, às oito, todos os dias da semana e também na noite de sexta-feira anterior

ao sábado de aulas. Tinha havido um baile do colégio no fim-de-semana anterior. Geoff Coggeshall, o deão dos estudantes, mencionara que o número de jovens apanhados a beber ou suspeitos de o fazer tinha sido o habitual. Era impossível impedir o abuso de álcool, que vinha à cabeça da lista de preocupações de quase todos os directores ou responsáveis de todas as escolas secundárias do país. Apesar dos inúmeros congressos e seminários sobre o assunto, Mike estava convencido de que o problema era mais grave agora do que nos anos anteriores. Interrogava-se por vezes se o destaque dado ao alcoolismo, com o intuito de alertar para os riscos de beber, não o teria, de facto, trazido subtilmente para a ribalta de uma forma gritantemente *importante*. Todas as gerações de estudantes tinham tido a sua quota-parte de farras e de álcool, mas era mais do que evidente, segundo todos os dados, que os jovens começavam a beber cada vez mais cedo e com maior frequência e intensidade do que há uma década.

Apoiou a cabeça no sofá e fechou os olhos. A casa estava vazia e silenciosa. Ouvia o vento raspar os vidros das janelas e, vindo da cozinha, o som dos cubos de gelo a caírem no refrigerador *Viking* recentemente instalado. Havia agora várias medidas a tomar, inquéritos a alunos, convocação do conselho disciplinar, e tudo conduzido fora do alcance dos radares da imprensa, que se deleitaria com um escândalo num colégio particular, ao mínimo eco do que se passava. Mike achava que, neste aspecto, as escolas particulares tinham sido injustamente discriminadas. Duvidava que uma gravação como aquela tivesse algum interesse para a imprensa se tivesse vindo a lume num liceu regional ou local, por exemplo. É possível que a gravação circulasse sub-repticiamente, que alguns alunos fossem expulsos e realizadas uma ou duas reuniões, mas o incidente teria sido acolhido com indiferença não apenas pelo jornal local, o *Avery Crier* (o seu director, Walter Myers, podia ser facilmente persuadido a não falar de qualquer caso susceptível de causar embaraços aos jovens e aos pais da terra), mas também pela imprensa regional ou nacional. Mike achava que para os *media*

nacionais a ideia de sexo e álcool, mesmo sexo e álcool envolvendo uma rapariga de catorze anos num contexto de um liceu público, era uma ideia ridícula que não merecia ser noticiada. *Ao passo que*, se o mesmo conjunto de factos, mas no contexto de um colégio particular, fosse visionado no monitor do computador de um repórter do *Rutland Herald* ou do *Boston Globe*, seria totalmente previsível que o repórter fosse enviado para Avery para descobrir *o que se estava a passar*. Uma história destas tinha sumo, tinha violência, tinha sangue. E, se a gravação fosse de algum modo reproduzida, também tinha *imagens*. Isto acontecia pelo facto de as escolas particulares gozarem de um estatuto mais alto, o que tornava um incidente deste género praticamente inimaginável? Ou porque todos gostam de ver a elite (mesmo que essa elite envolva o filho de um agricultor local a estudar com uma bolsa) desacreditada e ridicularizada? Um pouco das duas, mas com maior ênfase na segunda, na opinião de Mike.

Mais perturbadora, no entanto, era a ideia do envolvimento policial. Apesar de Mike só sentir repulsa quando pensava no Silas e no Rob que vira na gravação (rapazes que antes respeitava bastante e, no caso de Silas, de quem era mesmo amigo), a ideia de serem levados do edifício da administração com algemas nos pulsos era terrível. (Seria usual a polícia algemar rapazes suspeitos de abuso sexual, como era considerado este crime no estado do Vermont?) *Polícia*, neste caso, significava Gary Quinney ou Bernie Herrmann, e nenhum deles teria a mínima satisfação na detenção. Gary era, afinal, tio de Silas. E iriam comparecer os rapazes, passados alguns meses, no respeitável edifício do tribunal, que se ergue no seu farisaísmo complacente defronte das portas de Avery? O lugar de Mike estava em perigo e todos os professores que deviam supervisionar o baile e os dormitórios nessa noite corriam o risco de ser despedidos, já que não era admissível que o conselho de administração encarasse com ligeireza o incidente e a consequente agitação legal. Os rapazes iriam para a cadeia, para a Prisão do

Estado do Vermont, em Windsor, onde seriam, por sua vez, quase de certeza violados?

Mike puxou as rédeas aos seus pensamentos. Estava a deixar-se arrastar pelas divagações. Não, tinha de controlar a situação e agir rapidamente. Havia três rapazes em apuros, e uma rapariga... sim, presumivelmente, se se chegasse à conclusão que se tratava de um caso de abuso sexual, a rapariga já estava numa situação complicada, se bem que para ela os efeitos pudessem ser intermináveis.

Levantou-se do chão e sentou-se no sofá, ao mesmo tempo que afrouxava o nó da gravata e desabotoava o botão de cima da camisa, como se aumentar o fluxo sanguíneo até ao cérebro o ajudasse a resolver o problema. Foi nesse preciso momento que lhe perpassou pelo espírito a palavra *contenção*. E, juntamente com essa palavra, foram feitas opções morais, éticas e políticas, se bem que Mike só compreendesse as respectivas implicações mais tarde, quando lhe ocorreu que podia ter escolhido naquele momento outra palavra, como *revelação* ou, talvez, *ajuda*.